

Território Expropriado

por **Milton Tortella**

Texto curatorial:
Tathiana Senne Chicarino

Território Expropriado

**10 DE AGOSTO A
26 DE SETEMBRO
2026**

Seg. a Sex.: 10h às 20h,
Sáb.: 10h às 18h

Espaço Cultural FESPSP — Rua General Jardim, 522, Vila Buarque, São Paulo - SP



FESPSP

FUNDAÇÃO DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICAS DE SÃO PAULO

**ESPAÇO
cultural**



Casarão centenário da FESPSP
Imagem: Milton Tortella

Território Expropriado

por **Milton Tortella**

Texto curatorial:
Tathiana Senne Chicarino

Espaço Cultural FESPSP:
Waltercio Zanvetor
Eliana Asche
Welsei Pinheiro
Jorge Tateish

Fotografias:
Augusto From

Projeto gráfico e design:
Laboratório de Criação

Montagem:
Ato Arte Coletivo

Território Expropriado



FESPSP
FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

ESPAÇO
cultural

Milton Tortella opera com a tensão no campo da cultura material ao tomar objetos do cotidiano brasileiro e os deslocar de suas funções triviais para o espaço da arte. Esses artefatos, impregnados de cultura e subjetividade, são tratados não como meros suportes, mas como testemunhos de um país forjado em contradições. No arranjo sutil dos objetos, Tortella não manipula apenas materiais, mas os convoca para contar essa história. Ao reunir heranças familiares, símbolos nacionais e resíduos da indústria e do consumo, o artista nos revela as camadas de sentido que atravessam a memória pessoal e coletiva, transformando cada objeto em um operador crítico que tensiona discursos, silêncios e violências - da ditadura civil-militar, da política contemporânea à maneira como tudo isso se entrelaça com o pessoal.

Nesse gesto de manipulação e rearranjo, Tortella atribui novas camadas de significação aos artefatos. O que estava disperso ou esquecido é reordenado para uma revisão afetiva e crítica do Brasil, onde cada objeto - chaveiros, bolas de gude, ferraduras, lentes de óculos - torna-se fragmento de uma geografia simbólica a ser percorrida pelo público. Ao reorganizar os vestígios, o artista encontra formas de reapropriar os territórios que foram expropriados.

Espaço Cultural FESPSP

“Território Expropriado” — Milton Tortella

Tathiana Senne Chicarino

“Território Expropriado” se organiza como uma reflexão estética e política sobre a fragilidade e a permanência da democracia, tomando a memória como seu eixo estruturante. Ao evocar um longo período autoritário da história brasileira — a ditadura civil-militar (1964-1985) —, a mostra tensiona a relação entre passado e presente, insistindo que a democracia não pode ser dissociada de seu conteúdo histórico nem de seus antagonismos.

A ausência de uma justiça de transição plenamente consolidada no Brasil — ancorada nos princípios de memória, verdade e justiça — revela uma democracia marcada por descontinuidades, avanços e recuos. Nesse contexto, a arte de Milton Tortella emerge como organizadora de sentidos, capaz de manter viva uma memória que não é estática, mas continuamente disputada, revisitada e reconfigurada. Mais do que representação, os trabalhos atuam como antecipação: captam o espírito do tempo, mobiliza afetos e produz formas de sensibilidade que ultrapassam o registro estritamente racional.

A exposição articula estrutura e conjuntura ao trazer elementos diacrônicos da formação autoritária brasileira — sempre latente — e, simultaneamente, inscreve-se em uma conjuntura crítica de mobilização política e disputa hegemônica, em diálogo com a noção de crise em Antonio Gramsci. Nesse entrelaçamento, a obra também mobiliza a dimensão biográfica, inspirando-se na imaginação sociológica de C. Wright Mills: a trajetória individual e familiar do artista é compreendida como atravessada por dinâmicas históricas mais amplas.

A família, aqui, aparece como sujeito coletivo, espaço de transmissão, silenciamento e elaboração da memória. Nesse ponto, a exposição dialoga com *Os Amnésicos*, de Géraldine Schwarz, ao evidenciar como experiências autoritárias se infiltram na vida cotidiana e nas narrativas familiares, configurando uma memória marcada tanto pelo esquecimento quanto pela cumplicidade.

“Território Expropriado”, assim, não apenas revisita o passado, mas convoca o presente: evidencia que a democracia, para se enraizar, depende da disputa permanente pela memória e da capacidade coletiva de se afetar — e se responsabilizar — diante da história.

“Esfera Celeste”, 2021-2026

27 bombas de sementes, cápsulas à base de mandioca, biodegradável e compostável, terra.

320 x 236 x 4 cm (aprox.)

Imagens: Milton Tortella

Intervenção e performance em que o artista, durante a abertura da exposição, lançou 27 bombas de sementes no jardim do Casarão da FESPSP, até que assumissem posição semelhante à das estrelas na bandeira do Brasil.





“Esfera Celeste”, 2021-2026





“Coordenação Motora” #5, 2021

Esferas de vidro e ferraduras.

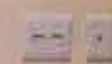
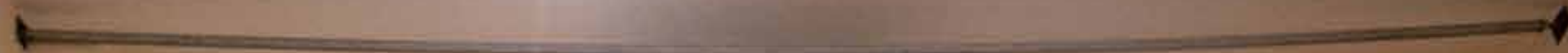
100 x 100 x 3 cm





“Coordenação Motora” é composta por quatro ferraduras com as pontas voltadas para cima, orientadas a partir do olhar de quem adentra a sala expositiva, representando, como na Umbanda, um amuleto de proteção, sorte, prosperidade e abertura de caminhos, frequentemente associado ao orixá Ogum, dispostas sobre uma área de 1 m² – unidade de medida

utilizada para o cálculo do valor da terra e/ou da habitação – coberta por bolinhas de gude, em alusão a práticas históricas de enfrentamento e resistência de baixa tecnologia, baseadas no efeito de surpresa e na interferência física no deslocamento.



“CHOQUE”, 2022

Chaveiros, tecido
e madeira.

130 x 96 x 5 cm





Coleção pessoal de chaveiros (décadas de 1970 e início de 1980), disposta de modo a representar a formação em linha de dois pelotões de choque motorizados.

O conjunto de chaveiros forma um repertório nacionalista, ligado a jogos, armas, indústria e automóveis.







“Brasília”, 2022

Emblemas de automóveis,
espelho de moto, lacre de
licenciamento e madeira.
74,5 x 129 x 20 cm

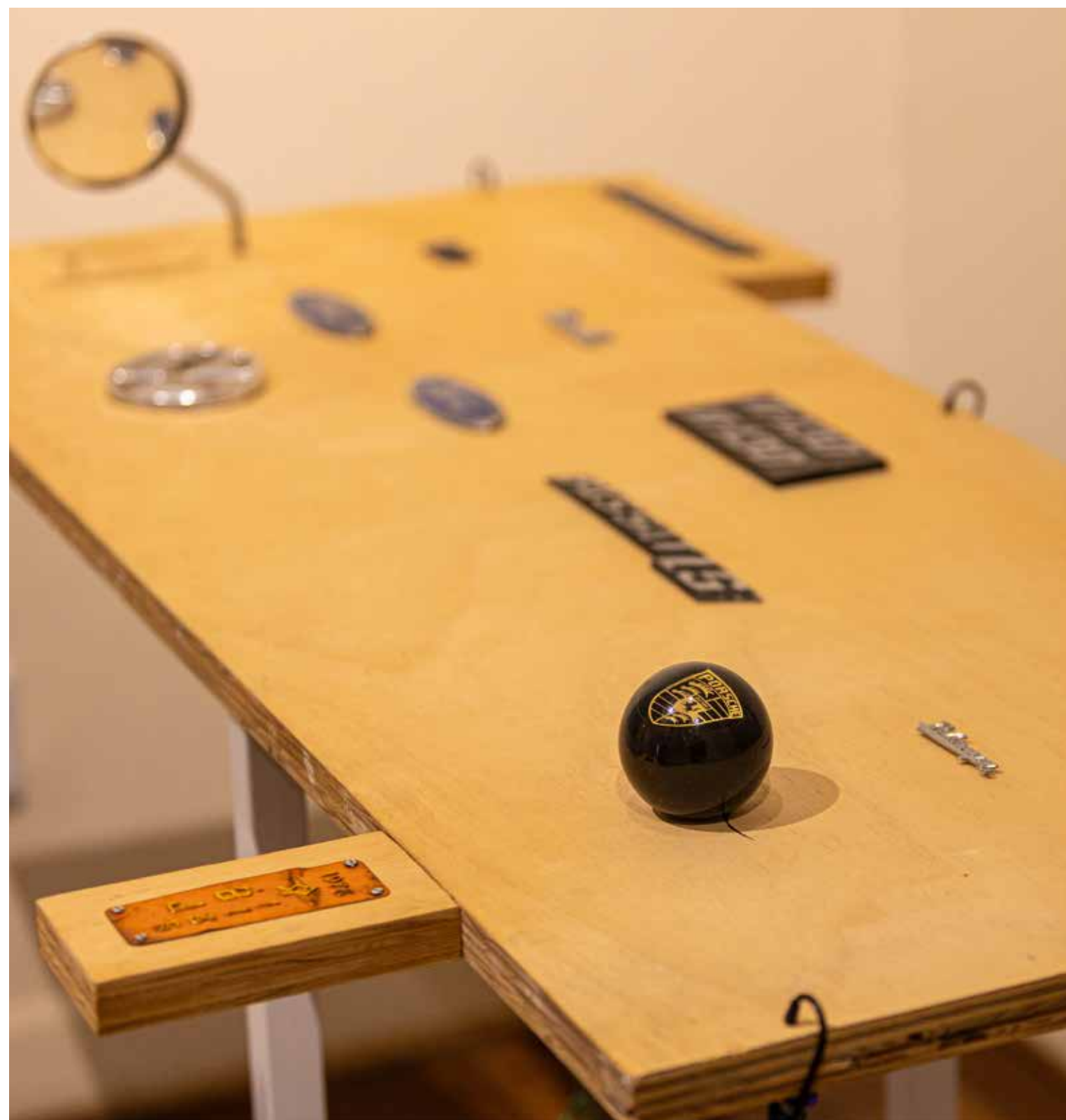
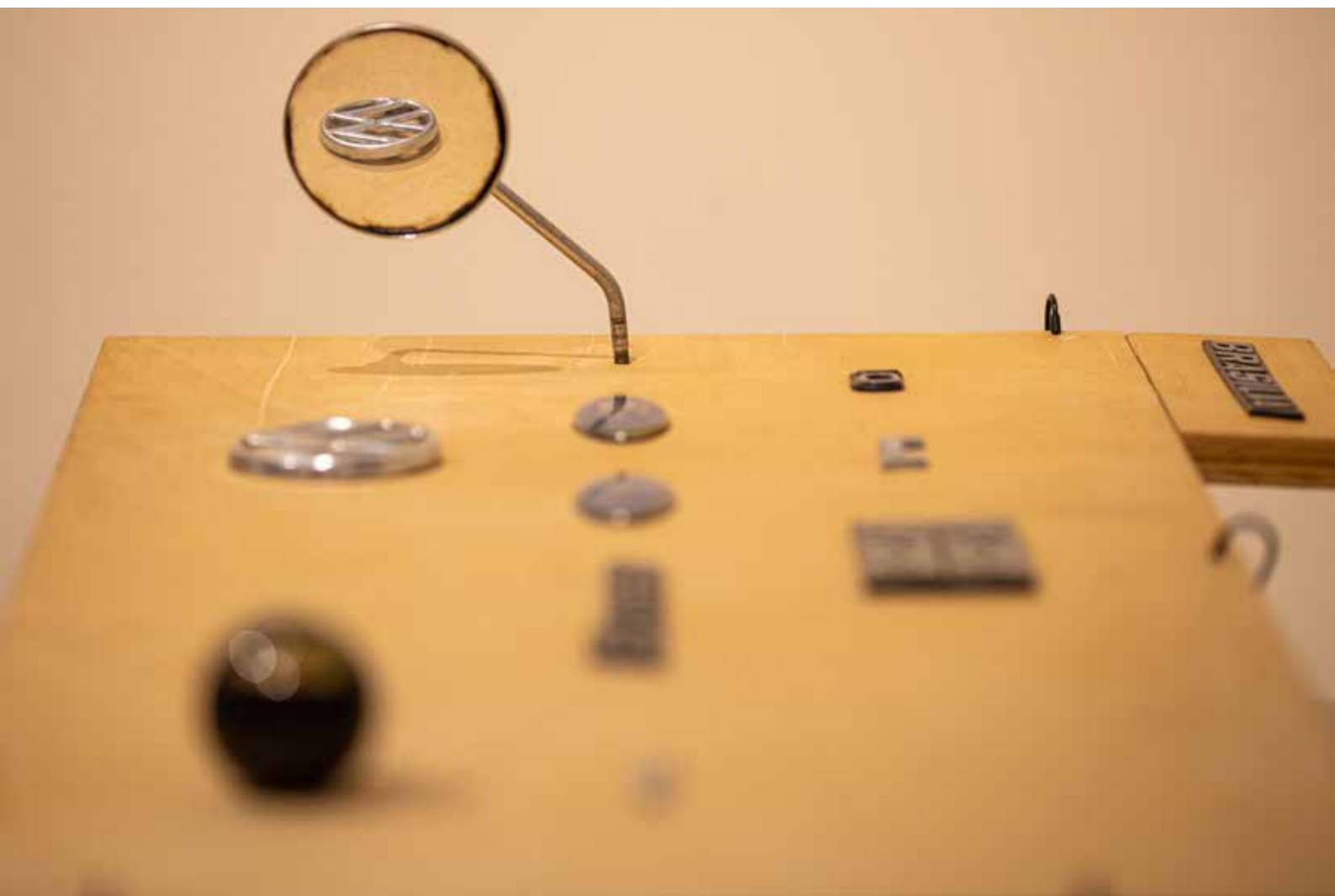
“Brasília é formado por emblemas de carros, como os que o artista lembra de afanar por diversão na adolescência, diz tanto de uma memória pessoal quanto do período em que o espaço da barbearia, onde

cresceu, servia como loja de automóveis. Assim como fala dos projetos desenvolvimentistas que nortearam a construção da Capital Federal e abriram espaço para a indústria de automóveis no país.”

Lucas Goulart









“Progresso”, 2021
Impressão jato de tinta
em papel algodão.
52 x 41 cm



Progresso é um políptico composto por quatro fotografias que registram o processo de montagem de uma “bomba de sementes”, utilizada como estratégia de reflorestamento em áreas urbanas e rurais. A obra incorpora cápsula de mandioca biodegradável e compostável, terra e sementes de cannabis (CBD), articulando dimensões ecológicas, científicas e sociais.

Associadas a avanços terapêuticos e ao potencial regenerativo do cânhamo, as sementes evocam tanto o cuidado quanto a restauração ambiental.

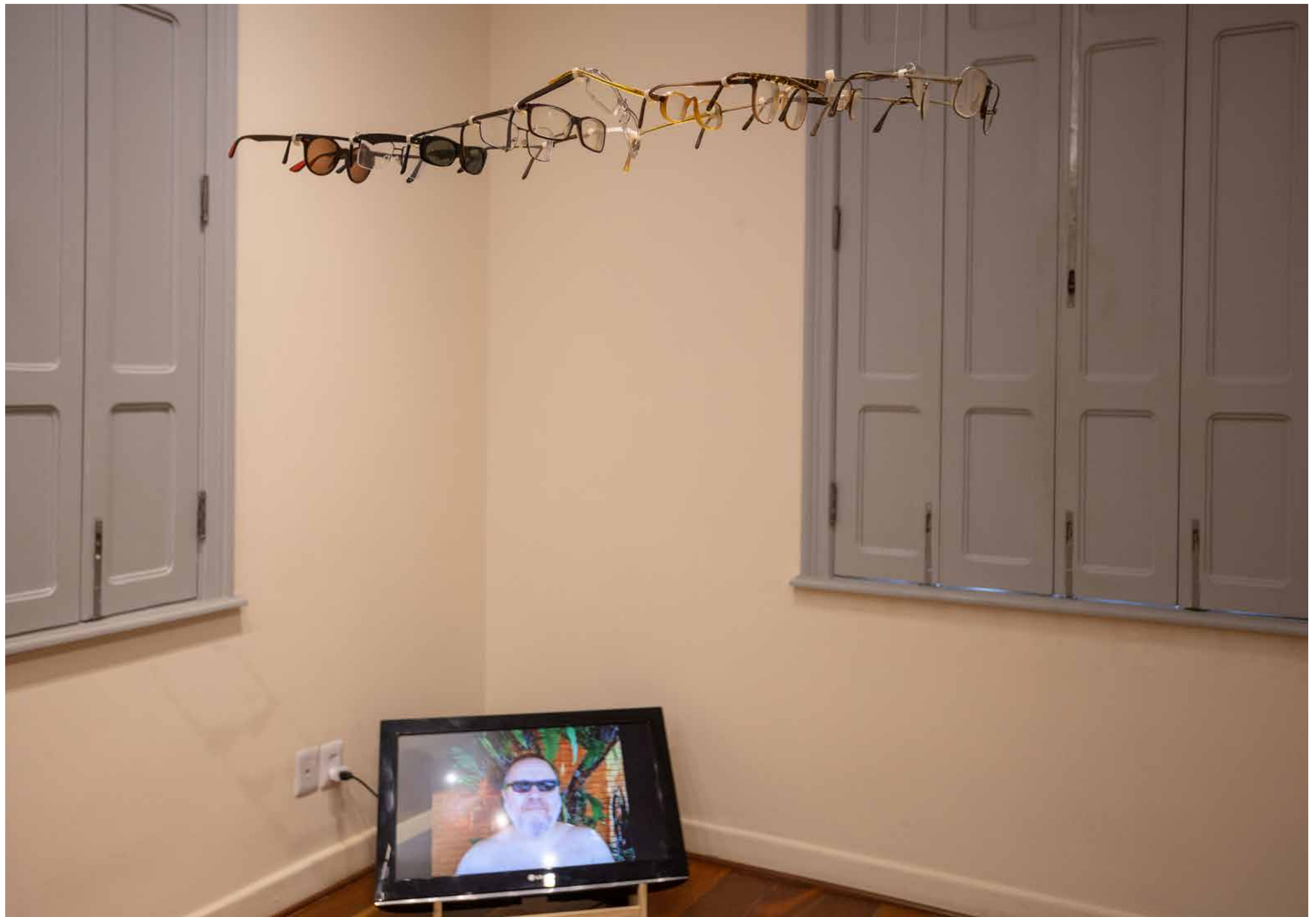
O trabalho dialoga com a disposição das sementes em alusão às estrelas da bandeira do Brasil – referência aos estados e ao Distrito Federal. Ao subtrair “Ordem” do lema “Ordem e Progresso”, o título propõe, de forma irônica – ao remeter a práticas ancestrais –, um tensionamento de sua origem positivista e abre uma reflexão crítica sobre desenvolvimento, reparação histórica, natureza e futuro.

A ditadura civil-militar deixou marcas em como o país se movimenta. Marcas nas paisagens, nos territórios e em corpos humanos. Nesse período, o modelo rodoviário consolidou-se. A circulação de marcas estrangeiras pelo asfalto nacional tornou-se regra.

Nos centros urbanos, brinquedos tornaram-se símbolo de resistência, bolas de gude foram usadas para desmontar as cavalarias do choque. O deslocamento e o rearranjo dos objetos reconta essa história.

Espaço Cultural FESPSP





“Antropologia de um ponto de vista pragmático”, 2023-2024
Vídeo, 4’03”.

Registro da experimentação prática com diferentes óculos encontrados nos pertences do pai e da mãe do artista. Essa operação de ver através das lentes permite a justaposição das imagens presentes no imaginário de quem a observa. O nome do trabalho apropria-se do título da obra de Immanuel Kant “Antropologia de um ponto de vista pragmático”, que aborda também, a partir do humanismo progressista, a ideia de que a cultura e a educação devem visar ao aprimoramento individual dentro do gênero humano, uma forma de vincular o saber antropológico ao mundo humano.

O “ponto de vista pragmático” que Kant adota na sua Antropologia deriva desse humanismo progressista: a cultura e a educação do gênero humano só fazem sentido se servirem ao aprimoramento de cada indivíduo, e este é o significado profundo da vinculação do saber antropológico ao mundo humano.



“Pressuposto”, 2024
Óculos e fita Hellermann.
9 x 16 x 104 cm

O trabalho opera com materiais e objetos acumulados, encontrados na casa dos pais do artista, organizados como herança – parte de uma coleção constituída ao longo de toda a vida do casal.







“ex-cê-dente”, 2026
Madeira, aço e resina.
9 x 14 x 8 cm



“ex-cê-dente” é um *assemblage* feito com materiais encontrados nas gavetas da família do artista.

“Sorriso Amarelo”, 2024
carteira, prendedor de gravata,
guia de depósito da poupança
da Caixa Econômica Federal,
cartão de visita, pingente
de linha.
32 x 12 x 7 cm

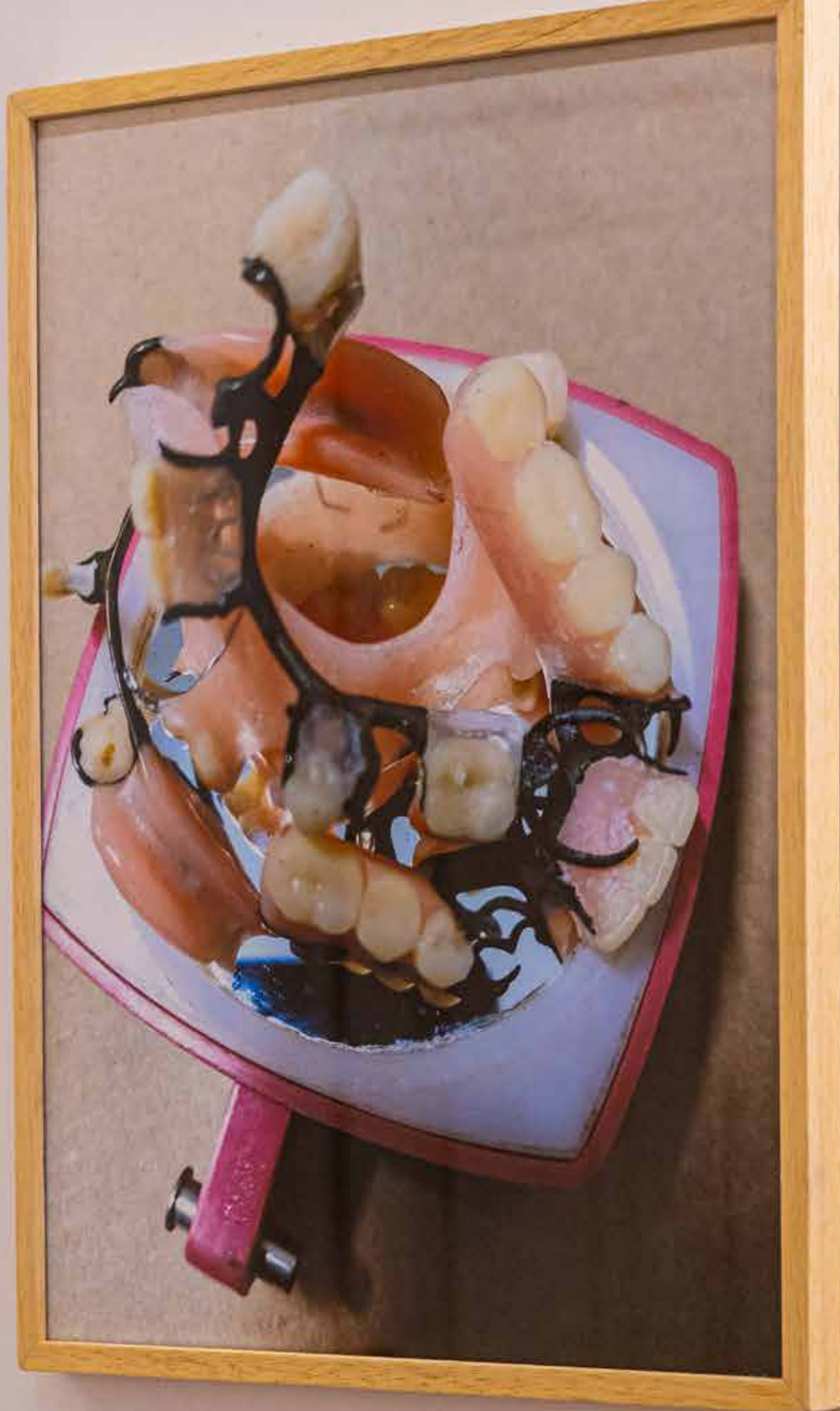
“Sorriso Amarelo” é um *assemblage* feito com materiais encontrados nas gavetas deixadas pelo pai e pela mãe do artista. Reflete um procedimento familiar dos anos 1970 e 1980, em que mensalmente uma determinada quantia era guardada na caderneta de poupança em nome do filho mais novo, na Caixa Econômica Federal, exclusivamente para procedimentos odontológicos. Vale ressaltar que a oferta de serviços odontológicos passou a integrar o Sistema Único de Saúde (SUS) definitivamente apenas em novembro de 2022, com a aprovação da Lei nº 8.131/2017 pelo Congresso Nacional, que garante acesso universal, equânime e contínuo aos serviços de saúde bucal.





“Espólio”, 2026

Impressão jato de tinta em
papel algodão.
42 x 60 cm

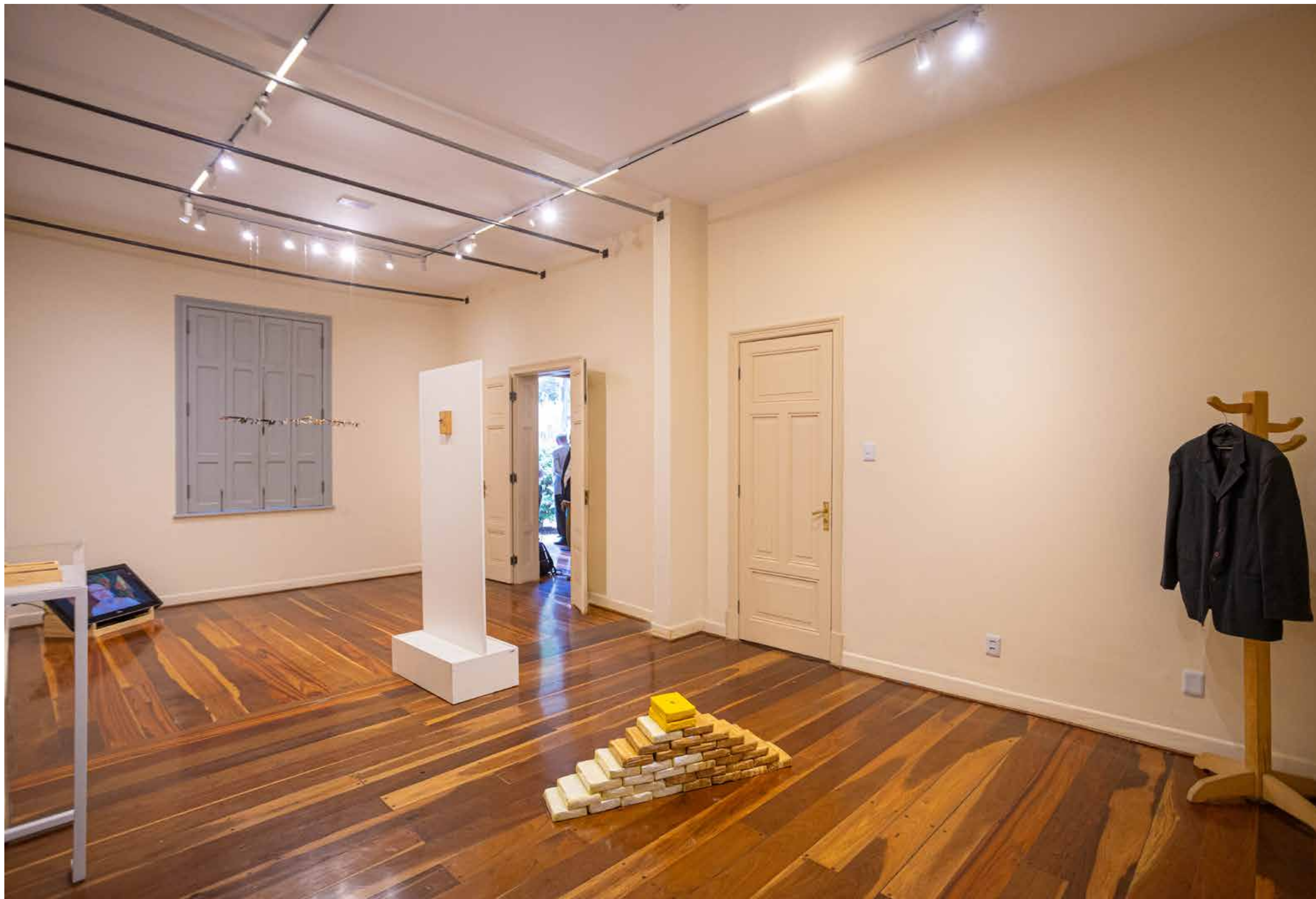


A composição da foto é resultado da coleta de
materiais encontrados nas gavetas deixadas
pelo pai e mãe do artista.

“ocelos”, 2024
Lentes de óculos.
30 x 27 x 2 cm



“ocelos” é um *assemblage* composto por materiais encontrados nas gavetas deixadas pelo pai e pela mãe do artista. O nome é uma referência à forma do trabalho, que remete aos ocelos, olhos em lâmina plana, os olhos primitivos das hidromedusas, platelmintos e alguns insetos, constituídos pelo agrupamento de células fotorreceptoras.



Uma perspectiva, um ponto de vista, o nosso lugar no mundo.

Tudo isso no olhar. Óculos são ferramentas que usamos para enxergar o mundo de um certo jeito – não confundir com o jeito certo. Além dos instrumentos, também usamos os valores que herdamos da nossa família, das instituições etc.

Juntam-se a técnica e os valores, e entendemos a perspectiva que assumimos diante das coisas. Os sujeitos, às vezes, se apegam a esses valores, a essas heranças, com unhas e dentes e, por fim, eles nos ajudam a entender um país.

Espaço Cultural FESPSP





Missão oficial", 2022-2026
Broche metálico esmaltado,
gesso,
fita adesiva.
113 x 20 x 35 cm





O trabalho “Missão oficial” é composto por um broche da bandeira brasileira disposto sobre 37 esculturas em gesso, envoltas por fita adesiva nas cores bege e amarela, e faz referência à apreensão de aproximadamente 37 quilos de cocaína em 2019, transportados em um voo da FAB (Força Aérea Brasileira) por um militar brasileiro integrante da comitiva presidencial do então presidente Jair Messias Bolsonaro, estando relacionado ao caso do sargento da Aeronáutica Manoel Silva Rodrigues, preso em Sevilha, na Espanha, em 2019, e condenado em 2022 por tráfico internacional de drogas.



“Pedagogia do silêncio /
Escola cívico-militar” #4, 2025

Madeira, fórmica, feltro e
zamac.

31 x 7 x 5 cm (aprox.)

“Pedagogia do encontro”,
2026

Apagador de lousa com
porta-giz e espelho.

31 x 7 x 5 cm (aprox.)



O trabalho “Pedagogia do silêncio/ Escola cívico-militar” é uma alegoria visual construída a partir da crítica de Paulo Freire à chamada “educação bancária” – modelo no qual o ensino se reduz ao ato de “depositar” informações em alunos tratados como recipientes passivos. Inspirada por essa concepção, a obra simboliza a apropriação das escolas por grupos facciosos que impõem práticas pedagógicas baseadas em disciplina rígida, hierarquia autoritária, valores cívicos desprovidos de criticidade e, por vezes, treinamento militar.

Ao justapor objetos escolares e bélicos – como o apagador de madeira com porta-giz e a munição de espingarda –, a obra denuncia a tentativa de transformar o espaço escolar em um ambiente de silenciamento, obediência e controle, afastando-o dos princípios de uma educação libertadora e dialógica, como propõe Freire.

“Pedagogia do encontro” consiste em um apagador de madeira com porta-giz que abriga, em sua base, um espelho. Ao incorporar esse elemento, propõe um gesto de reconhecimento: docente e educando se veem refletidos, deslocando o ato pedagógico para um campo de consciência, individualidade e reflexão sobre saberes.

O espelho, enquanto símbolo, está associado a “operações altamente intelectuais”, enraizadas em práticas de observação e conhecimento. “O que reflete? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência”. Presente em diferentes tradições, relaciona-se à revelação, à sabedoria e à manifestação do conhecimento. Para os sufistas, todo o universo constitui um conjunto de espelhos nos quais a essência infinita se contempla sob múltiplas formas, refletindo, em diferentes graus, a irradiação do Ser único.

Nesse sentido, o trabalho aproxima o ato de educar de um ato de coragem – como propõe Paulo Freire – e, simultaneamente, de um ato de amor, como afirma bell hooks.

Assim, entre apagar e escrever, instaura-se uma pausa: um convite à reflexão – onde ensinar e aprender tornam-se práticas de se ver, reconhecer e refletir saberes.

“Auxílio-Paletó:
R\$ 124.080,00”, 2020
Paletó, cabide e mancebo.
Marcenaria: Lígia Tortella.
162 x 60 x 60 cm

“Auxílio-paletó” (R\$ 124.080,00) traz em seu título o valor equivalente, com base nos parâmetros do Edital Prêmio Funarte RespirArte, dimensionando quantos artistas ou críticos de arte poderiam ser comissionados para a criação de trabalhos.

A série Auxílio parte de um gesto de deslocamento simbólico: converte valores oriundos de auxílios parlamentares em potência de ativação cultural. Os trabalhos apresentam, como títulos, os montantes médios recebidos por cada um dos 513 deputados federais brasileiros ao longo de quatro anos de mandato (2019–2022), relativos aos auxílios combustível, moradia e paletó, projetando esses valores como equivalentes de investimento direto na produção artística contemporânea.

Todos os valores são atualizados da data de referência (2000) até a data de venda das obras, com base no IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo / IBGE), reforçando a dimensão temporal e econômica do trabalho. Os valores arrecadados serão integralmente destinados ao comissionamento do(s)

artista(s), ao fortalecimento do Ato Arte Coletivo e à ativação da Barbearia Residência, espaço independente de arte contemporânea situado no bairro do Belenzinho, zona leste de São Paulo.



“Auxílio”

Vídeo 1920 x 1080 pixels.
00'27”



A série Auxílio parte de um gesto de deslocamento simbólico: converte valores oriundos de auxílios parlamentares em potência de ativação cultural. Os trabalhos apresentam, como títulos, os montantes médios recebidos por cada um dos 513 deputados federais brasileiros ao longo de quatro anos de mandato (2019-2022), relativos aos auxílios combustível, moradia e paletó, projetando esses valores como equivalentes de investimento direto na produção artística contemporânea.

Os valores que denominam cada peça foram calculados com base na média paga em 2019 a cada parlamentar, multiplicada pelos quatro anos de mandato. No caso do auxílio-combustível (R\$ 120.035,52), considera-se ainda que 324 deputados foram contemplados, tomando como parâmetro comparativo os valores transferidos pelo PROAC 2019 para a realização de exposições inéditas de artes visuais – permitindo estimar quantas exposições poderiam ser viabilizadas com esse montante.

Para o auxílio-paletó (R\$ 124.080,00), a equivalência se dá com base nos valores praticados pelo Edital Prêmio Funarte RespirArte, dimensionando quantos artistas ou críticos poderiam ser comissionados para a criação de trabalhos.

Já o auxílio-moradia (R\$ 117.646,32) toma como referência o valor médio de uma casa de 100 m² no bairro do Belenzinho, em São Paulo, território onde se projeta a implantação de um espaço independente de arte contemporânea – permitindo também refletir sobre quantos aluguéis de espaços culturais poderiam ser custeados com esse recurso.



“Ocultação de Cadáver”, 2020

Bandeira do Brasil e fragmentadora
de folhas.
30 x 31 x 100 cm



O trabalho “Ocultação de Cadáver” resgata um procedimento alegórico ao se apropriar de mercadorias do universo opressor que circula no Brasil. Uma bandeira do Brasil é inserida até a metade em uma fragmentadora, que a tritura até o término da palavra “progresso”, aludindo à ocultação de provas materiais e à ingerência sobre a Polícia Federal. É uma denúncia à

associação do uso da bandeira do Brasil aos atos e condutas antidemocráticas, considerados crimes contra a Constituição, que se espalharam pelo país contrariando, inclusive, as recomendações do Ministério da Saúde sobre a permanência em isolamento social para evitar contaminação do COVID-19 durante a pandemia.



O abuso do poder não ficou em nosso passado colonial ou ditatorial, reconfigurou-se em outros modos. Os donos do poder mantêm grandes regalias, a coisa pública segue sendo utilizada para fins privados, a ordem muda e algumas coisas continuam no mesmo lugar. Assim, o progresso coletivo se perde na tensão entre o silêncio, as violências e a possibilidade do encontro.

Espaço Cultural FESPSP

“Reflexo”, 4#, 2026

Falas na cadeira de Oracy Nogueira (no caso da FESPSP), posicionada no espaço expositivo, com plateia, câmera digital, microfone de lapela, edição de vídeo e difusão em canal no YouTube.

Durante a exposição, no dia 21/9/2026 às 19h, direto da cadeira de Oracy Nogueira – um dos primeiros autores negros no Brasil a escrever sobre a

questão racial – recebe o Vilanismo (fundado em 2021, em São Paulo), coletivo de dez homens negros que atua na criação de espaços de resistência e afirmação no circuito artístico.

